



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL

FLÁVIA POMPEU ALVES

**LITERATURA HISPANO-NEGRO-AFRICANA: *LA SEÑORA DEL RÍO* DE RAQUEL
ILOMBÉ**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

FLÁVIA POMPEU ALVES

**LITERATURA HISPANO-NEGRO-AFRICANA: *LA SEÑORA DEL RÍO* DE RAQUEL
ILOMBÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB) como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em Letras–
Espanhol.

Orientador: Prof. Ms: Thales Lamoniêr Guedes Campos
(UEPB)

CAMPINA GRANDE – PB

2019

Ficha Catalográfica elaborada pela biblioteca central da UEPB

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474l Alves, Flavia Pompeu.
Literatura hispano-negro-africana [manuscrito] : La señora del río de Raquel Ilombé / Flavia Pompeu Alves. - 2019.
47 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos, UFCG - Universidade Federal de Campina Grande."

1. Identidade cultural. 2. Raquel Ilombé. 3. Literatura africana. 4. Literatura infanto juvenil. I. Título

21. ed. CDD 896

FLÁVIA POMPEU ALVES

**LITERATURA HISPANO-NEGRO-AFRICANA: LA SEÑORA DEL RÍO DE RAQUEL
ILOMBÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB) como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em Letras-
Espanhol.

Orientador: Prof. Ms: Thales Lamoniêr Guedes Campos (UEPB)

Aprovado em: 18/06/2019.

Média/Nota: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Thales Lamoniêr G. Campos NOTA: 9,0
Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos (Orientador)
UEPB

Gilda Carneiro Neves Ribeiro NOTA: 9,0
Prof. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro (Examinadora)
UEPB

Josilene Pinheiro Mariz NOTA: 9,0
Prof. Dra. Josilene Pinheiro Mariz (Examinadora)
UFCG

Dedico a todos os colegas de profissão que mediante dificuldades, principalmente política, no atual momento, ainda acreditam na educação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pela concretização de um sonho.

À minha família, por ser fonte de inspiração para mim, em especial a minha mãe *Maria da Salete Pompeu*, que por ser professora me despertou o gosto de lecionar.

Ao meu companheiro de todos os dias e meu amor *Hedran de Sousa Barreto*, a pessoa que me rouba palavras que jamais pensei que fosse capaz de escrevê-las.

Ao meu amigo e orientador *Thales Lamoniêr Guedes Campos*, que sempre acreditou em mim e me inspira enquanto pessoa e profissional que é.

Ao grande estudioso da literatura-negro-africana *Amarino Oliveira de Queiroz*, sempre solícito, responsável por grandes contribuições para esta pesquisa.

Aos professores do curso de letras da Universidade Estadual da Paraíba que contribuíram significativamente para a minha formação profissional: *Júlio César*, nossa competente coordenadora *Luciene Almeida*, *Cristina*, *Alisson*, *Laís*, *Alessandro*, *José Neto*, *Rickison* e *Luciene Carneiro*.

À professora *Gilda Carneiro* por sua contribuição na academia e também por aceitar o convite para participar da banca de defesa desta pesquisa.

À *Josilene Pinheiro-Mariz*, por aceitar o convite para participar da banca de defesa desta pesquisa e por partilhar seus conhecimentos, por sua atenção, por seu apoio e companheirismo de sempre.

Aos meus amigos de curso: *Cleilton*, *Felipe*, *Vera*, *Gil*, *Silvana*, *Fátima*, *Jussara*, *Camila* e *Danielle* que são muito especiais para mim.

Aos meus alunos, por serem o ponto de partida.

Aos programas de pesquisa e de bolsa oferecidos pela UEPB que me proporcionaram momentos inexplicáveis, contribuindo significativamente com a minha formação profissional, como o Projeto de extensão Laboratório de Línguas Estrangeiras, e à CORI (Coordenadoria de Relações Internacionais), pelo projeto TOP Espanha.

Aos profissionais de língua espanhola que acreditam em um ensino de qualidade e desigualdade.

À África e ao seu povo por me ensinarem todos os dias a ser uma pessoa melhor.

A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”.

Nelson Mandela

LITERATURA HISPANO-NEGRO-AFRICANA: LA SEÑORA DEL RÍO DE RAQUEL ILOMBÉ

Flávia Pompeu Alves¹

RESUMO

A literatura hispano-negro-africana é capaz de proporcionar um aprendizado que vai além do conhecimento acadêmico. Através dela é possível despertar olhares múltiplos, questionadores e instigantes sobre textos e autores quase sempre deixados de lado nos cursos de formação de professores. De tal modo, pensando em dar visibilidade a uma literatura pouco valorizada, nossa investigação pretende analisar o conto *La señora del río* presente no livro *Leyendas Guineanas* (1981) da autora Raquel Ilombé, identificando e refletindo os fortes traços de uma marcante identidade cultural negra e a contribuição da literatura infanto-juvenil de Guiné Equatorial para as letras hispânica, sendo, portanto, uma discussão indispensável para o cumprimento da Lei Federal, Nº 11.645 de 10 de março de 2008, que ressalta e reforça a importância de se trabalhar na Educação Básica a história e a cultura africana. Tal escolha se dá pela importância da obra e da autora para a Literatura guinéu-equatoriana, como uma escrita que expressa a necessidade coletiva de registrar a cultura oral dos contos africanos. Considerando que essa temática tem um cunho de alta relevância, diante da situação que nosso país enfrenta, achamos necessário e primordial o estudo da história e cultura africana, com o intuito de minimizar a intolerância e o preconceito que nossa sociedade carrega por anos e, ainda, se faz tão presente. Portanto, nossa investigação se trata de um estudo bibliográfico, qualitativo e documental que tem como fundamento teórico as reflexões de Queiroz (2007), Ngom (2010) e Ndongo-Bidyogo (2000) a respeito das literaturas hispano-africanas; Hall (2014) e Leite (2014) no intuito de refletir sobre identidades culturais.

Palavras chave: África; Guiné Equatorial; Identidade cultural; Raquel Ilombé.

¹Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Mestre em Linguagem e Ensino, pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: flavia.pompeu@hotmail.com

LITERATURA HISPANO-NEGRO-AFRICANA: LA SEÑORA DEL RÍO DE RAQUEL ILOMBÉ

Flávia Pompeu Alves²

RESUMEN

La literatura hispano-negra-africana es capaz de proporcionar un aprendizaje que va más allá del conocimiento académico. A través de ella es posible despertar miradas múltiples, cuestionadores e instigantes sobre textos y autores casi siempre dejados de lado en los cursos de formación de profesores. De esta manera, pensando en dar visibilidad a una literatura poco valorada, nuestra investigación pretende analizar el cuento *La Señora del río* presente en el libro *Leyendas Guineanas* (1981) de la autora Raquel Ilombé, identificando y reflejando los fuertes rasgos de una marcante identidad cultural negra y la contribución de la literatura infanto-juvenil de Guinea Ecuatorial para las letras hispánicas, siendo, por lo tanto, una discusión indispensable para el cumplimiento de la Ley Federal, N° 11.645 de 10 de marzo de 2008, que resalta y refuerza la importancia de trabajar en la Educación Básica la historia y la cultura africana. Tal elección se da por la importancia de la obra y de la autora para la Literatura ecuatoguineana, como una escritura que expresa la necesidad colectiva de registrar la cultura oral de los cuentos africanos. Considerando que esta temática tiene un aspecto de alta relevancia, ante la situación que enfrenta nuestro país, creemos necesario y primordial el estudio de la historia y cultura africana, con el fin de minimizar la intolerancia y el prejuicio que nuestra sociedad lleva por años y, aún, se hace tan presente. Por lo tanto, nuestra investigación se trata de un estudio bibliográfico, cualitativo y documental que tiene como fundamento teórico las reflexiones de Queiroz (2007), Ngom (2010) y Ndongo-Bidyogo (2000) con respecto a las literaturas hispano-africanas; Hall (2014) y Leche (2014) con el propósito de reflexionar sobre las identidades culturales.

Palabras llaves: África; Guinea Ecuatorial; Identidad cultural; Raquel Ilombé.

²Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Mestre em Linguagem e Ensino, pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: flavia.pompeu@hotmail.com

LISTA DE SIGLAS

CD-ROM – Disco para computador

LD – Livro didático

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LE – Língua Estrangeira

PNDL – Programa Nacional do Livro Didático

RAE – Real Academia Española (RAE)

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Mapa da regionalização do continente africano.	20
Imagem 02: Território africano.....	21
Imagem 03: Mapa do Rio Muni.	22
Imagem 04: Mapa sobre o espanhol como língua oficial.	31
Imagem 05: Foto de Raquel Ilombé.	33
Imagem 06: Foto da capa do Livro <i>Leyendas Guineanas</i>	34
Imagem 07: Estrutura do Livro <i>Leyendas Guineanas</i>	35

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.	13
1 O MUNDO HISPANO-NEGRO-AFRICANO DA GUINÉ EQUATORIAL.	18
1.1- Que mundo é esse?	18
1.2- Literaturas hispanoafricanas no Pós-Colonialismo: A literatura guineana.	24
2 PORQUE A LITERATURA-NEGRO-AFRICANA?	27
3 ILOMBÉ E LA SEÑORA DEL RÍO: ORALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DO CONTO INFANTIL.	32
3.1- Da autora do livro.	32
3.2- Leyendas guineanas e o corpus da pesquisa.	33
3.3- <i>La señora del río</i>.	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	44
REFERENCIAS.	46
APÊNDICE A – CONTO: <i>LA SEÑORA DEL RÍO</i>.	48

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O aprendizado de uma língua estrangeira garante ao aprendiz contribuições que vai além da aquisição de uma soma de aptidões linguísticas, ela é capaz de alargar perspectivas, uma vez que por meio da linguagem é possível entender à pluralidade do seu uso nos mais variados contextos. A partir dessa vivência e do contato com a língua estrangeira é possível aprender um mundo que não é seu, mas do outro, permitindo compreender, valorizar e respeitar outra cultura. Através de reflexões sobre o mundo da língua em aprendizagem é possível ainda que o aprendiz desenvolva percepções sobre sua própria língua e sobre sua cultura.

As orientações curriculares para Línguas Estrangeiras tem como objetivo: retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio e ressaltar a importância dessas; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras; discutir o problema da exclusão no ensino em face de valores —globalizantes! e o sentimento de inclusão freqüentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras; introduzir as teorias sobre a linguagem e as novas tecnologias (letramentos, multiletramentos, multimodalidade, hipertexto) e dar sugestões sobre a prática do ensino de Línguas Estrangeiras por meio dessas. (BRASIL, 2006. p. 87)

No âmbito educacional, o documento de Base nos afirma a importância de promover a reflexão a respeito da língua estrangeira em aprendizado, reafirmando noções sociais e culturais e agregando ao ensino o uso de novas tecnologias. Diante de tais reflexões reafirmamos que a literatura pode ser um excelente caminho para o ensino do espanhol como língua estrangeira, pois aborda noções culturais e sociais.

Assim, fazendo uma reflexão com Candido (2002, p.83) podemos afirmar que, dentre muitos, o primeiro papel da literatura é instigar uma função psicológica forte, pois ela é uma necessidade universal de ficção e fantasia do homem as quais são elementares básicos de sua vida individual ou coletiva, se estendendo a crianças e adultos, escolarizados ou não. Ainda segundo Candido “[...] a literatura é das modalidades mais ricas”, pois não é puramente fantasia ou ficção, ela relaciona-se ainda com a realidade.

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO, 2002, p.83)

Se a literatura é um misto de fantasia e realidade e se a ficção é algo que interessa ao homem, pode-se afirmar que temos, na literatura, fatores relevantes que instigam pessoas a interessar-se por ela, haja vista que em contato com a literatura há um processo de identificação pessoal através da proximidade de realidades. Assim, no âmbito educacional mais especificamente no ensino de espanhol, acreditamos que é importante e conveniente levar à sala de aula a literatura de uma língua estrangeira, pois esta proporciona aos aprendizes a experiência de conhecer e vivenciar com a cultura do outro, possibilitando a aprendizagem do idioma espanhol sem dissociação.

Para mais, se pode afirmar também que a literatura amplia os olhares dos leitores, uma vez que ela é capaz de instigar a reflexão crítica, visto que, como defende Deleuze (1993), a “literatura tem por si própria, uma característica de língua estrangeira, operando um tipo de decomposição da língua materna na construção de um tornar-se outro” (DELEUZE, 1993, p. 15). A literatura tem a característica de proporcionar um viés reflexivo no leitor, pois este utiliza sua língua materna para decodificar o sentido do texto, podendo buscar auxílio na sua língua e/ou aprendendo com o olhar do outro.

Desse modo, evidenciando a importância da literatura na formação crítica do homem, acreditamos que o professor de línguas pode abraçá-la no âmbito de sua sala de aula, pois segundo Pinheiro-Mariz (2008, p. 4), “O texto literário pode ser um caminho especial para provocar no aluno o interesse pela cultura e pelas relações interculturais entre a sua cultura e aquela que estuda”.

É importante lembrar que o texto literário possibilita o estudo de elementos linguísticos, desde que não seja usado como simples pretexto para uma análise linguística, bem como não se deve restringir a literatura ao estudo de características estilísticas de um texto literário. O ideal é encontrar um meio termo para por em prática o ensino de língua e literatura estrangeira em um mesmo momento.

O âmbito literário é verdadeiramente vasto, assim, dos vinte e dois países, em todo o globo terrestre, que têm a língua espanhola como língua oficial, escolhemos pôr em destaque para esse estudo, a literatura de um lugar menos visível, a Guiné Equatorial, um país localizado no oeste da África Central. Pensamos na relevância desta pesquisa quando lembramos que a literatura africana contemporânea de língua espanhola da Guiné Equatorial é pouco difundida na América Latina, na Espanha e nos Estados Unidos da América, é o que afirma Queiroz (2007, p.160).

Portanto, é possível que muitos estudantes brasileiros do ensino de língua espanhola não tenham esse conhecimento por, de fato, não ser explorado no nosso país. Podemos observar essa invisibilidade na observação feita por Queiroz (2007):

[...] entre los idiomas europeos introducidos en el continente durante la empresa colonial, parece ser precisamente el español aquél que presenta el menor número de estudios lingüísticos y literarios desarrollados, dato que seguramente podría explicar el proceso de invisibilización al que está sometido el caso africano dentro de los estudios hispánicos en general. (QUEIROZ, 2007, p. 160)³

Diante disto, este estudo visa apresentar um caminho voltado ao ensino superior servindo como um suporte para reflexão o qual podemos abordar a temática hispano-negro-africano, através de textos literários voltado a alunos graduandos do curso de Letras-Espanhol os quais serão disseminadores do ensino da língua em questão.

Norteados por essas discursões, nos surge um questionamento no que se refere ao ensino de língua espanhola. Será que, durante a formação acadêmica, o professor de espanhol conta em sua grade curricular com a contribuição da temática que abordamos aqui? Por não temos esta certeza é que pensamos nesta pesquisa como contribuição para o público, alunos graduandos do curso de Licenciatura em letras Espanhol, futuros professores, que irão trabalhar diretamente com o ensino da língua, tanto em escolas de níveis fundamental e médio, quanto em curso de graduação.

Foi pensando desta maneira que surge a motivação para esta pesquisa. Uma reflexão pessoal a partir da experiência docente e como estudante do curso de letras/espanhol, por questionar a ausência na grade curricular de uma disciplina que apresentasse o conteúdo da literatura-negro-africana, uma vez que partindo dessa experiência pessoal, não foi possível ter a oportunidade de vivenciar estudos nessa área no curso de formação de língua espanhola no ensino superior.

Dentro de vasto panorama de estudo sobre literatura de uma língua estrangeira, escolhemos fazer um recorte de uma literatura que ainda não possui tamanha visibilidade, a literatura hispano-negro-africana, portanto, o objetivo da nossa pesquisa é analisar o conto *La señora del rio* presente no livro *Leyendas Guineanas* (1981) da autora Raquel Ilombé,

³ [...] entre as línguas européias introduzidas no continente durante o empreendimento colonial, parece que é precisamente o espanhol que apresenta os estudos lingüísticos e literários menos desenvolvidos, fato que certamente poderia explicar o processo de invisibilidade ao qual o caso africano é submetido no interior do continente dentro dos estudos hispânicos em geral.

identificando e refletindo os fortes traços de uma marcante identidade cultural negra e a contribuição da literatura infanto-juvenil de Guiné Equatorial para as letras hispânica.

No que diz respeito à descrição classificatória dessa pesquisa, esta possui uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental. O *corpus* desta pesquisa, é o conto *La señora del rio* presente no livro *Leyendas guineanas* (1981) da autora Raquel Ilombé, assim definimos que nossa análise será qualitativa/interpretativa partindo da perspectiva, defendida por Moreira e Caleffe (2008, p. 62), de que o pesquisador é parte da sociedade que está inserido e dentro dela consegue construir de forma ativa o mundo em que vive não atuando como mero espectador.

Para os pesquisadores interpretativos o propósito da pesquisa é descrever e interpretar o fenômeno do mundo em uma tentativa de compartilhar significados com outros. A interpretação é a busca de perspectivas seguras em acontecimentos particulares e por *insights* particulares. Ela pode ser o resultado de acontecimentos futuros. (CALEFFE, 2008, p. 61)

Como bem define Marconi e Lakatos (2010, p. 269) a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

Com o intuito de alicerçar esta pesquisa contaremos também com a abordagem bibliográfica, uma vez que esta contemplará todo o universo teórico baseado a partir de estudiosos afins a área desta pesquisa, capazes de explicar o que aqui se objetiva. Assim, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos.” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 74).

Também classificamos nossa pesquisa como documental e no que concerne às categorias de análise, para esta investigação, nos acercaremos em duas categorias: a oralidade e a identidade cultural africana. Como aporte teórico para esta pesquisa, no que diz respeito à categoria da oralidade, nos baseamos nos estudos de Leite (2014) e sobre as definições de identidade cultural, seguimos as ideias definidas por Hall (2014). Essas categorias de análise foram se definindo durante a realização da leitura do conto *La señora del río*.

O presente estudo está dividido em três capítulos, topicalizados e sequenciados, conforme sumário. No primeiro capítulo intitulado “O mundo hispano-africano da Guiné Equatorial”, abordamos aspectos referentes às literaturas hispano-africanas da Guiné Equatorial, dentro do seu contexto colonial e pós-colonial, bem como, discorreremos sobre a importância de trabalharmos a literatura guineana de língua espanhola na sala de aula, assim

contamos com as contribuições de Queiroz (2007), Ngom (2010), Ndong-Bidyogo (2000), Boleká (2009) e Creus (2009).

No segundo capítulo, “Porque a literatura-negro-africana?”, discorremos sobre a importância da língua espanhola, no âmbito nacional, bem como a relevância da literatura na formação pessoal de qualquer cidadão, em especial a literatura-negro-africana, para tanto, nos embasamos nos pensamentos de Candido (2002); Congresso Nacional (Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008); Queiroz (2008); Morales (2010) e Pinheiro-Mariz (2012).

No capítulo de número três, cujo título é “Ilombé e *La señora del río*: oralidade e identidade cultural africana a partir do conto infantil” discutimos questões relacionadas às categorias de análise, para esta investigação, nos acercaremos em duas: a oralidade e a identidade cultural africana. Como aporte teórico para esta pesquisa, no que diz respeito à categoria da oralidade, nos baseamos nos estudos de Leite (2014) e sobre as definições de identidade cultural, seguimos as ideias definidas por Hall (2014), essas categorias de análise foram se definindo durante a realização da leitura do conto *La señora del río*.

Por fim, encerramos com as considerações finais, nas quais retomamos as ideias propostas por este estudo, com a sensação de que o corpus escolhido nos proporciona muitos outros olhares que não foram possíveis trabalhar por hora, permanecendo a vontade de ir além.

1 - O MUNDO HISPANO-AFRICANO DA GUINÉ EQUATORIAL

Neste espaço abordamos algumas discussões sobre o mundo hispano-africano, com enfoque na literatura de Guiné Equatorial. Assim, faremos um percurso histórico para situar o leitor, elucidando como se deu o surgimento/desenvolvimento da literatura nesse país e como está sua repercussão nos dias de hoje. Para tanto, iremos dividir esse percurso pelo mundo hispano-africano em dois momentos: O primeiro intitulado *Que mundo é esse?* E o segundo intitulado *Literaturas hispanoafricanas e o Pós-Colonialismo*.

1.1 Que mundo é esse?

Segundo a *Real Academia Española* (RAE), hispano significa hispanófilo, que simpatiza com o hispano ou que o admira e, africano é àquele que pertence ou é relativo à África. A mescla desses dois mundos em um só, o hispano-africano, torna-se um imensurável mundo de riqueza cultural, cheio de faces, este é o mundo da Guiné Equatorial que busca, através da literatura, minimizar a invisibilidade de seu país.

Guiné Equatorial foi colônia espanhola por 190 anos, portanto, segundo Ngom, (2010, p.412), a literatura africana de língua espanhola surge de uma questão histórica; as primeiras expressões literárias nascem como consequência da exploração e ocupação de um país colonizado, surgindo, como denomina o autor, de africanismo literário, que mais adiante nomearemos, neste trabalho, de literatura colonial.

Em um artigo de Ngom (2010) intitulado “*La literatura africana de expresión castellana: La creación literária em Guinea Ecuatorial*”, o estudioso inicia seu texto com o seguinte pensamento:

*La literatura africana de expresión castellana es un producto cultural muy poco conocido, pese a haber dado numerosas obras de gran calidad. En este sentido, el propósito de este trabajo es doble. De entrada, se desea llamar la atención de los estudiosos y críticos sobre ese aspecto de la literatura africana o hispánica, según se mire, que no ha recibido toda la atención que se merece. Luego, se intentará mostrar las distintas formas de expresión literaria en Guinea Ecuatorial, que fue una colonia española de 1778 a 1968 y es el único país de habla castellana en la África subsahariana.*⁴(NGOM, 2010, p.411)

⁴A Literatura africana em língua espanhola é um produto cultural pouco conhecido, apesar de haver numerosos dados de obras de alta qualidade. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é duplo. Desde o início, deseja-se chamar a atenção de estudiosos e críticos sobre esse aspecto da literatura africana ou hispânica, como podemos ver, não tem recebido a atenção que merece. Então, tentaremos mostrar diferentes formas de expressão literária na Guiné Equatorial, que foi uma colônia espanhola de 1778 a 1968 e é o único país de língua espanhola na África subsaariana. (Tradução nossa)

Assim, o autor nos apresenta duas preocupações pertinentes, a primeira delas é chamar à atenção de críticos literários acerca da invisibilidade da literatura hispano-africana, a segunda é mostrar as mais variadas formas de expressão literária na Guiné Equatorial, país que foi colônia espanhola e que é o único país de língua espanhola na África Subsaariana.

O continente africano divide-se em duas regiões: a África subsaariana e a África do Norte; o ponto de referência de divisão dessas duas áreas é o Deserto do Saara. A subsaariana, conhecida também como a “África negra”,⁵ está situada ao sul do Deserto e a que está acima deste é chamada região do Norte da África. A denominação “subsaariana” decorre do convencionalismo euro centrista para demarcar algo a partir de um ponto de referência⁶, assim, escolheu-se o Deserto do Saara como eixo dessa divisão, levando em consideração sua grande extensão territorial, haja vista que forma uma espécie de barreira natural dividindo o continente africano, no intuito de demarcá-lo e distingui-lo no que diz respeito à economia e à etnia. Ampliando nosso olhar acerca dessa discussão, vejamos essa demarcação através da imagem exposta no mapa:

Imagem 01: Mapa da regionalização do continente Africano

Regionalização do Continente Africano



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/africa-subsaariana/> Acesso: 08/03/2019

⁵Termo em desuso. (BACIC OLIC, Nelson. África Subsaariana. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/geografia/africa_subsaariana.htm/ Acesso em 02/01/2019.

⁶http://www.suapesquisa.com/geografia/africa_subsaariana.htm/ Acesso em 02/01/2019.

Retornando a primeira discussão a respeito da denominação do termo hispano-africano, gostaríamos de acrescentar a esta pesquisa a justificativa apresentada pelos estudos de Queiroz (2007, p. 62), uma vez que este nos elucida que o vocábulo é utilizado para designar a literatura produzida especificamente na Guiné Equatorial, haja vista que os termos hispano-africano ou hispano-negro-africano abrangem todo o conjunto cultural expresso em língua espanhola na Guiné Equatorial, diferindo do termo afro-hispano. Ainda de acordo com Queiroz (2007, *apud* SALVO, 2003, p. 10):

[...] o próprio vocábulo “afro” veio apresentando gradativamente um despojamento desse seu sentido geográfico para assumir, no plano cultural, um patamar que ultrapassa as fronteiras da mera delimitação espacial. Desta forma é que designações como afro-cubano afro-peruano ou afro-brasileiro passariam a referir as culturas desenvolvidas pelos descendentes dos escravos africanos trazidos para as Américas. (QUEIROZ, 2007, *apud* SALVO, 2003, p. 10).

Assim, o termo “afro” convém ser utilizado para fazer menção às culturas que foram desenvolvidas por “povos afrodescendentes no âmbito continental da América hispânica, incluindo-se aí suas manifestações literárias.” (QUEIROZ, 2007, p. 63).

Quando ouvimos a palavra África, em meio a tantos vocábulos que nos vêm à mente, inevitavelmente, uma das mais fortes, que ativamos na lembrança, através do nosso conhecimento de mundo, é a palavra colonização. O par de vocábulos África-colonização, nos faz pensar que uma palavra associa-se a outra, uma vez que olhando para o passado e o contexto histórico do continente, constatamos uma grande imposição cultural por parte de países colonizadores, submetendo a África à escravidão.

Segundo os estudos de Queiroz, ([s. d.], p.01), Guiné Equatorial, país africano, situado na costa atlântica, em meados de 1471, foi colonizada pelos portugueses. Passados trezentos anos da colonização portuguesa, em 1778, essa Guiné foi repassada à coroa espanhola em troca de outras colônias que pertenciam a Portugal, como a de Sacramento, no Uruguai, a de Santa Catarina e a de Rio Grande do Sul, ambas situadas no Brasil.

Segundo Morales (2010, p. 180), após os territórios africanos (a região do rio Muni, as ilhas de Bioko, Annobón, Elobey Grande, Elobey Chico e Corisco ou Mandyi) serem repassados à Espanha, durou ainda cerca de 70 anos para que, de fato, os territórios fossem colonizados. Vejamos nos mapas, os territórios africanos aos quais nos referimos:

Imagem02: Territórios africanos repassados a Espanha

Ilhas de Bioko e de Annobón Ilhas de Elobey e Corisco



Fonte: MORALES. La andadura del español por el mundo. Taurus, 2010.

Imagem03: Mapa: Rio Muni



Fonte: MORALES. La andadura del español por el mundo. Taurus, 2010.

Segundo Morales (2010, p. 180), embora tenha se firmado o tratado de “*El Pardo*”, entre Portugal e Espanha, que punha fim às disputas pela posse de territórios africanos, os primeiros sinais de colonização se deram um ano posterior à assinatura do mesmo, depois que a Rainha Isabel II permitiu que negros e mulatos livres de Cuba pudessem, caso desejassem, se deslocar, sem nenhum empecilho, para Fernando Poo.

Ainda de acordo com Morales (2010, p. 180), Guiné Equatorial fez parte do Vice-Reinado do Rio da Prata até o ano de 1810. Esse Vice-Reinado chegou ao fim com a independência dos territórios americanos do Governo Espanhol, e em 1959 a Lei sobre Ordenação e Regime Jurídico das Províncias Africanas dividiu o território em duas províncias: a do Rio Muni e a de Fernando Poo, equiparando os direitos da população africana com os direitos dos espanhóis. Guiné Equatorial conquistou sua independência, tornando-se República no ano de 1969.

Morales (2010, p. 180) ressalta também que, assim como o espanhol, as demais línguas europeias como o francês, o português e o inglês, línguas de colonizadores, convivem com as línguas nativas da África, como por exemplo, línguas ágrafas como o “fang”, o “bubi”, o “ndowe”, o “bisió”, o “basake” e duas línguas de Guiné o “fa d’ambo” e o “pidgin”.

Outra evidência que Morales (2010, p. 181) traz é acerca das instituições educativas que se destinavam às colônias com objetivo missionário. Essas instituições conseguiram altos índices de aquisição da língua espanhola por parte de falantes nativos da Guiné Equatorial, porém durante o governo ditatorial de Macías (1968 a 1979) essa atividade foi embargada, pois o ditador adotou sua língua de origem, o fang, como língua oficial para escrever leis e para as relações internacionais. A língua espanhola ficou conhecida como a “língua importada” e, por tanto, proibida.

Continua Morales (2010, p. 181) proferindo que a diferença entre Guiné Equatorial e colônias africanas é que essas continuaram a falar a língua espanhola em capitais e centros urbanos, assim a língua espanhola é a segunda ou a terceira da grande maioria dos guineenses, embora suas origens sejam variantes do “pidgin”. Para que a língua espanhola voltasse a ser aceita, foi necessário esperar o passar dos anos. Assim, de acordo com Ndong-Bidyogo, (2000), com a união ibérica, os guineanos herdaram o espanhol como idioma oficial e mesclaram a cultura hispânica com a cultura bantú.

Guinea es un país a la vez hispánico y africano, y en esa identidad simbiótica radica su originalidad, su esencia y la garantía de su autonomía. Al fundirse los valores de la cultura adquirida, los hispánicos, con los valores de la cultura heredada, los bantúes –pues todos los pueblos que componen nuestro Estado pertenecen a la cultura bantú, lo cual no conviene

que se olvide—, se operó en el espíritu del guineano una transformación importante, y a nuestro juicio (pues son esas, y no otras, nuestras señas de identidad, que se ha ido estructurando en una nueva cosmogonía [...] Hay guineanos que escriben, que pintan, que esculpen; que trabajan, en definitiva, desde su perspectiva hispanoafricana, para dotar a su país de ese dinamismo sin el cual el progreso sería imposible. (NDONGO-BIDYOGO, 2000, p. 3)⁷.

Assim, o que Ndongo-Bidyogo nos assegura é que Guiné Equatorial firmou sua autonomia, originalidade e sua essência quando combinou valores a partir do misto cultural entre a cultura da África e a cultura da Espanha. Essa combinação gerou uma grande transformação nos guineenses, haja vista que há muitos artistas, escritores guineenses que produzem sua arte a partir do ponto de vista hispanoafricano afirmando o dinamismo e progresso de seu país.

1.2 Literaturas hispanoafricanas no Pós-Colonialismo: a Literatura Guineana

Pensando nesse misto cultural, surgiu o interesse de se estudar e trabalhar a literatura de um país como Guiné Equatorial. Em concordância com os estudos de Queiroz (2007, p.159), podemos afirmar que o espanhol funciona na Guiné Equatorial como uma língua de comunicação Inter étnica, facilitando sua expansão, difusão e consolidação como língua de expressão cultural e literária.

Queiroz (2007, p.162) afirma ainda que a literatura hispano-africana escrita é relativamente nova; os primeiros escritos literários em Guiné Equatorial apareceram no século passado por volta dos anos 1901. Em 1941, ela reaparece em publicação no primeiro jornal da cidade publicado na cidade de Santa Isabel, atual Malabo, capital do país. Em 1953 surge o primeiro romance nacional, depois do tenso período político ditatorial que viveram, a partir dos anos de 1980, foram publicadas algumas obras dos autores Ndongo-Bidyogo, Zamora Lobo, entre outros. Ndongo, ([s. d.], *apud*, NGOM) nos diz que:

⁷Guiné é um país hispânico e africano, e nessa identidade simbiótica firma sua originalidade, sua essência e assegurando sua autonomia. Ao combinar os valores da cultura adquirida, hispânicos, com os valores da cultura herdada, os bantús – pois todos os povos que compõem o nosso Estado pertencem à cultura bantú, o que não convém esquecer -, ocorreu no espírito do guineense uma grande transformação, e em nossa opinião (pois são essas, e não outras, traços de identidade, que foi se estruturada em uma nova cosmogonia [...]) Há guineenses que escrevem, pintam, esculpem, trabalham, em suma, a partir de sua perspectiva hispanoafricana adotando a seu país esse dinamismo sem o qual o progresso seria impossível). (NDONGO-BIDYOGO, 2000, p. 3). (Tradução nossa).

[...] *la literatura guineana era una realidad emergente, hoy en día, podemos añadir sin temor a equivocarnos, que ele hecho literário guineo ecuatoriano ES (sic.) una realidad patente con un futuro esperanzador. En este orden de ideas, volvamos a hecermos eco de lās (sic.) palabras de Ndongo-Bidyogo, cuando apunta que ‘la literatura guineana está llamando a proporcionar AL (sic.) mundo hispánico una cierta frescura, una nueva vitalidad, un nuevo horizonte desde la perspectiva afrobantú.*(NDONGO, [s. d.], *apud* NGOM, p. 418)⁸.

Sabemos que a literatura da Guiné Equatorial tem um excelente potencial para obter seu espaço dentro da literatura hispânica. Como afirma Trujillo ([s. d.], p. 15), “*cabe destacar que Guinea Ecuatorial ha ido forjando un espacio propio en la literatura hispana, a la que aporta una riqueza y variedad indiscutible, pero donde aún ha de recorrer un largo camino*”⁹. Segundo, Boleká (2009, p. 43), são muitas as motivações dos poetas guineanos para registrar suas emoções através do texto literário, a principal delas é a própria consequência político-social, étnico-cultural, emocional e humana que Guiné Equatorial oferece, outro ponto motivador é que o índice de mortalidade infantil é alto no país, a cada mil nascidos, morrem cerca de 100 a 105 bebês e a expectativa de vida é entre 45 a 50 anos de idade.

Diante de tais índices, ainda segundo o mesmo autor, só restam duas alternativas. Acreditar que o país não superará essas estatísticas e continuará com sua imobilidade histórica ou acreditar que Guiné pode reduzir o índice de mortalidade e aumentar a expectativa de vida do país. E é a partir dessa segunda alternativa que os poetas se fundamentam e se motivam a escrever. O estudioso Boleká (2009, p. 43) esclarece que quando se refere à poesia da Guiné Equatorial, pensa nas obras que foram produzidas após 12 de outubro de 1968, quando se começa a falar da Guiné Equatorial, único país negro-africano, país instituído por colonizadores espanhóis.

Outra motivação que instiga os poetas é a falta de interesse por parte dos representantes políticos que a Guiné já teve no poder em instigarem nas políticas educativas a identidade cultural igualitária e inclusiva para todos os guinéu-equatorianos. Uma vez que, segundo Boleká (2009, p. 44), nos currículos educacionais do país, não é abordada nenhuma temática referente à identidade cultural guineana, haja vista que as culturas *ámbó, bisió, bubi,*

⁸Aliteratura guineense era uma realidade emergente, hoje, podemos acrescentar, sem medo de errar, que o feito literário guinéu-equatoriano é uma realidade patente com um futuro esperançoso. Nesse sentido, de volta a citar as palavras de Ndongo Bidyogo, ao apontar que ‘a literatura guineense está proporcionando ao mundo hispânico certo frescor, uma nova vitalidade, um novo horizonte desde a perspectiva afrobantú’. (NDONGO, [s. d.], *apud* NGOM, p. 418) (tradução nossa).

⁹Cabe destacar que Guiné Equatorial tem espaço próprio na literatura hispânica, o que acarreta uma riqueza e uma variedade indiscutível, mas que ainda tem um longo caminho a percorrer. TRUJILLO ([s. d.], p. 15). (tradução nossa).

fang, *krió*, *ndowè* do país não são reconhecidas. Isso porque o processo de enculturação promovido nos currículos educacionais não tem interesse em converter crianças e futuros guineanos exemplos de seus ascendentes, fazendo uma espécie de “desalfabetização” ou uma alfabetização superficial sem o esforço de ensinar a refletir criticamente.

Em seu texto, Boleká (2009, p. 58) faz uma discussão acerca de qual gênero literário é mais difundido na Guiné Equatorial, seria o gênero lírico ou as narrativas? Para tanto, o autor apresenta dois divergentes pontos de vista, citando, a princípio, Mbaré Ngom, quando este afirma que na literatura guinéu-equatoriana de escrita espanhola o gênero poesia se sobressai às narrativas. No outro ponto de vista, Boleká traz o posicionamento de D. José Francisco Eteo Soriso, professor da Universidade Nacional de Guiné Equatorial, que realizou um estudo através de um panorama acerca de obras publicadas, de literatura oral, naquele país e constatou que as narrativas têm tido maior aceitação que a poesia.

A partir desses dois olhares, Boleká (2009, p. 59) conclui que ambos os estudos estão corretos, pois o primeiro baseia sua afirmação em que até o ano de 1996, de fato, era a poesia que predominava no país; e o segundo baseia-se no aumento significativo pelo interesse por narrativas, havendo assim um equilíbrio entre ambos os gêneros, é o que escritores consagrados como Francisco Zamora Segorbe y Juan Tomás Ávila Laurel professam.

Após as discussões sob a ótica de Boleká (2009), buscamos outro olhar para a literatura guineana e a partir da visão de Creus (2009, p. 62), identificamos que para ele, a literatura autenticamente guineana nasce próximo do fim do período colonial, partindo da crença de que a literatura escrita guineana já existia e, considerando ainda que a história colonial havia chegado ao fim. Após o período de colonização, autores guinéu-equatorianos puderam escolher qual idioma usar para escrever suas obras e todos, na opinião de Creus (2009), o idioma espanhol foi escolhido por ser uma língua que possui uma literatura milenar de enorme relevância, por possuir uma maior amplitude, não se restringindo apenas à Guiné Equatorial e por ter sido e continuar sendo a língua de colonização do país.

A escolha do idioma espanhol por parte dos autores guinéu-equatorianos gera um debate bastante polêmico, pois são levantados alguns questionamentos que expõem os escritores a algumas contradições que, de acordo com Creus (2009, p. 63), são inevitáveis, pois a Literatura parte da condição da não existência para a condição de existir através da persistência desses autores guineanos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, supõe-se que a literatura escrita é o alicerce da modernidade e da identidade, mesmo que tenha surgido timidamente. Creus (2009, p. 63) nos

diz que toda literatura é um misto de um ato de criação individual que deve estabelecer, ao mesmo tempo, referências com a modernidade e a identidade; porém, no caso da Guiné Equatorial, essa relação é influenciada pelo colonizador que não permite que haja essa relação espontânea entre autor-identidade-modernidade e, mesmo que o escritor se distancie do colonizador para atuar, seu próprio lugar é por si só, um lugar de exclusão.

Segundo Creus (2009, p.63), o maior propósito de toda história colonial é voltado ao sistema capitalista, preocupando-se com a conquista de territórios para adquirir um maior número de bens a um preço de desconstruir a identidade dos povos, e com as sociedades africanas ocorreu exatamente assim. Um instrumento menos invasivo para alcançar tal objetivo poderia ter sido através da educação, junto ao trabalho assalariado.

Ainda conforme Creus (2009, p.63), o domínio da língua espanhola na Guiné Equatorial foi fundamental, pois o falante local se situava perante o mundo do colonizador, aproximando-se da identidade do outro, evitando certas exclusões. Se, por um ângulo, podia-se ver essa situação, por outro, isso exigia que a sociedade africana renunciasse a sua própria identidade, posto que vivenciar a identidade do outro significava deixar pra trás muitos elementos que lhes pertenciam e que o colonizador julgava inadequados.

Creus (2009, p.63) nos afirma ainda que há uma contradição nisso tudo, pois esse elemento identitário imposto pelo colonizador foi considerado essencial para a concepção da nova identidade equatoriana.

*Para los escritores menos jóvenes la línea de continuidad puede haber existido, y la acusación latente parecería justificada: porque, en teoría, la aceptación y la práctica de la substitución lingüística parecen adecuarse a esa nueva identidad impuesta, primero por el colonizador y después por ese Estado que, en Guinea y a diferencia de las identidades anteriores, fuertes, ha servido para ayudar a los intereses de unos pocos cleptómanos.*¹⁰(CREUS, 2009, p.63)

Escritores experientes pensam que a aceitação e a prática de substituir a língua local pelo espanhol parecem ter se adaptado a nova realidade da Guiné, comparando historicamente às fortes identidades anteriores, que contribuíram apenas para ajudar os interesses de uma classe de oportunistas minoritária e rica. De acordo com a opinião do autor, a língua espanhola não pode ser comparada a todas as outras presentes na Guiné. É o mesmo que

¹⁰Para os escritores mais jovens a linha de racioncínio pode ter existido, e a acusação latente pareceria justificada: porque, na teoria, a aceitação e a prática de substituição a lingua parecem se adaptar a esta nova identidade imposta, primeiro pelo colonizador e, em seguida, por esse Estado que, em Guiné as fortes identidades anteriores contribuíram para ajudar os interesses de poucos cleptománicos. (CREUS, 2009, p.63). (Tradução nossa).

comparar línguas que não servem, com uma língua universalmente útil. Para o Creus (2009, p. 64), não é uma questão apenas linguística, mas uma questão de falta de crença e preguiça em insistir num processo lento e incerto.

2 - PORQUE A LITERATURA-NEGRO-AFRICANA?

Sabemos que o aprendizado de uma língua estrangeira pode se converter em algo modificador e transformador na vida de qualquer pessoa; a oportunidade de aprender uma língua que não seja a materna nos traz grandes oportunidades, seja no âmbito comercial, seja na troca de experiência com o outro, pois a partir do conhecimento de outra língua é possível conhecer e experienciar a cultura de outros povos, outras nações. Uma maneira agradável de ter e viver esse tipo de experiência é a leitura literária, que nos permite viajar a lugares sem saíamos do “nosso mundo”. Por ela, podemos aprender e viver, momentaneamente, a língua, os costumes, a alimentação, a cultura e tudo que fizer alguma relação com o “mundo do outro”.

A literatura é uma área que se confunde e se dissemina com a cultura e com a história de determinado povo, em um determinado momento, ela é capaz de registrar em palavras, os recortes de uma realidade distante, para Candido (2002, p. 83), a literatura tem uma função psicológica fundamental ao ser humano.

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpito na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 2002, p. 83)

Assim, conforme o autor, a literatura é uma produção que se baseia na necessidade universal de ficção que é parte necessária ao homem, pois gera satisfação independentemente de idade, sexo, ou crença. Ela funciona, ainda, como resposta a necessidade universal que temos, podendo expressar-se de forma oral, escrita, visual, auditiva, curta, extensa, etc. Pinheiro-Mariz (2012, p. 523) nos afirma que dentro de um texto literário a literariedade e a sua riqueza de sentido já funciona por si só como uma língua estrangeira, pois exige uma reflexão maior do leitor na tentativa de conseguir entender o sentido que o texto abarca.

Deste modo, somos conscientes da importância do aprendizado de uma segunda língua, da relevância da literatura e da importância de um professor qualificado na formação de um indivíduo, assim propomos aqui o estudo de uma literatura mais específica, a literatura-negra de um país africano, a literatura de Guiné Equatorial, cujo idioma oficial é o espanhol. Com os olhos voltados às literaturas hispanoafricanas temos a chance ainda de fazer cumprir a Lei brasileira Nº 11.645/08 que nos propõe o seguinte:

LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad¹¹

Esta lei estabelece que escolas privadas e públicas incluam nos currículos educacionais do ensino fundamental e médio, a História da África e dos Africanos, a cultura negra e a contribuição dos negros nos campos econômicos, políticos e sociais no Brasil e no mundo. Esse conteúdo deve ser ministrado em qualquer área presente no currículo escolar brasileiro, mas por haver uma relação direta pode ser ministrado em especial nas disciplinas de Literatura, História e Educação Artística.

Embora a Lei brasileira Nº 11.645/08, não mencione a área de língua estrangeira, achamos pertinente, traze-la a esta pesquisa, pensando no ensino de língua espanhola, tomando como direcionamento os documentos oficiais da educação, quando fazem referência ao pluralismo cultural e a igualdade de raça, complementando a ideia acima. Uma vez que a sala de aula seja

[...] um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural, de modo que se envolva discursivamente e perceba possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive. Espera-se que o aluno compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto, passíveis de transformação na prática social. (BRASIL, 2008, p.55)

Para se fazer cumprir o que essa lei sugere, é importante que haja nos cursos de formações de licenciatura de níveis superiores, disciplinas que referenciem a temática da história e cultura africana e, ainda, que esse tema não fosse de cunho obrigatório, acreditamos que é de extrema importância que a nossa sociedade tenha orientação no que diz respeito a compreender a cultura africana e desmistificar a ignorância do racismo, pois, ainda hoje, sentimos em nossa sociedade reflexos do período colonial.

Décadas se passaram, o mundo está cada vez mais civilizado e, ainda assim, é cotidiano e forte o preconceito que se tem em relação ao negro. Portanto, a Lei Nº 11.645/08, de 10 de março de 2008 institui que estabelecimentos de ensino, públicos e privados, devem

¹¹<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>

abordar a temática negro-africana em sala de aula, no intuito de embargar certos tipos de preconceitos por falta de informação, por ignorância.

Segundo Morales (2010, p. 278), vinte e dois países possui a língua espanhola como língua oficial de comunicação. Observando o mapa abaixo, é possível perceber que podemos encontrá-la pela Europa, América do Sul, América Central, América do Norte e África, isso se deu em decorrência da grande influência da Espanha sobre esses territórios no período de colonização.

Imagem04: O espanhol como língua oficial



Fonte: MORALES, *La andadura del español por el mundo*. Taurus, 2010.

Quem trabalha com a língua espanhola tem um leque de opções no que diz respeito ao ensino da mesma aqui no Brasil. Assim, toda reflexão incitada até agora, é culminada pelo objetivo de entrelaçarmos cada ponto discutido unindo-os em uma só ideia, ajuizando sobre a relevância da literatura na formação do homem, sobre a importância de um ensino de língua espanhola com qualidade e sobre o cumprimento da lei citada, em benefício do ensino, levando em consideração a temática da história e cultura negra e sua contribuição para o desenvolvimento do mundo, fazendo um paralelo entre África e Brasil. Para tanto, decidimos acercar-nos de Guiné Equatorial, um lugar que foi colônia espanhola, porém jamais deixará sua identidade africana.

Queiroz (2008, p. 1) nos afirma através em suas pesquisas que, no Brasil, existe um vazio de conhecimento no tocante a literatura e a linguística africana, revelando urgência nas áreas investigativas. Ainda segundo o autor Queiroz (2008, p. 6), a respeito de estudos de literaturas africanas em espanhol no Brasil encontramos trabalhos iniciais quando comparados com obras de autores da América. E, no que se refere ao acesso de brasileiros a obras impressas de ficção ou poesia afro-hispânicas a situação se complica ainda mais. Há, ainda segundo o autor, entre os brasileiros uma desinformação de séculos em relação à heterogeneidade da África, porém podemos de modo particular ou coletivo diminuir essa distância, pois embora haja acordos diplomáticos e leis que aproximem África e América, na prática isto pouco funciona.

Para suprir essa desinformação Queiroz (2008, p. 6) nos informa nomes de autores que estão se dedicando a literatura de Guiné Equatorial que podem minimizar essa lacuna de conhecimento. Assim, podemos buscar leituras de “Donato Ndongo Bidyogo, Mbaré Ngom, Justo Bolekia Boleká, Benita Sampedro, Gloria Nistal, Baltazar Fra Molinero, Dosinda García-Alvite, Jorge Salvo, Joseph-Desiré, Otabela-Mewolo, Monique Nomo Ngamba o Juan Tomás Ávila Laurel”.

Guiados por esses questionamentos, nos preocupamos e nos indagamos a respeito do ensino de língua espanhola. Nos cursos de graduação de Letras-Espanhol, consta na grande curricular a temática da literatura-hispano-negro-africana?

Na tentativa de propor caminhos e reflexões sobre a cultura africana de Guiné Equatorial através do texto literário, apresentaremos aos leitores de nossa pesquisa a autora Raquel Ilombé e o livro *Leyendas Guineanas* (1981). Este livro foi o primeiro a ser publicado por uma mulher em Guiné Equatorial e, também, o primeiro voltado às crianças, ele é rico na apresentação de conhecimentos culturais relativos ao continente africano.

3-ILOMBÉ E LA SEÑORA DEL RÍO: ORALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA A PARTIR DO CONTO INFANTIL

Nesse capítulo discorreremos sobre a autora Raquel Ilombé, apresentaremos uma breve contextualização sobre seu livro *Leyendas guineanas* (1981) e sobre nosso *corpus*, o conto *La señora del río*. Explicaremos como se deu nosso processo de escolha e enfatizaremos a importância da oralidade e da identidade cultural, que é inerente a África.

Achamos por bem apresentá-la, uma vez que se tem pouco material sobre ela, bem como definir o que queremos evidenciar neste estudo.

3.1 - Da autora do livro

Espanhola e bantu, filha de mãe guineense e pai espanhol, Raquel del Posso Epista nasceu na ilha Corisco (Guiné Equatorial, então colônia espanhola) em 1939 e morreu em Madri em 1992. Deixou Guiné quando ainda era uma criança e antes de completar dois anos de idade, foi morar em Burgos-Espanha, lugar onde realizou seus estudos escolares e musicais, nos conservatórios de Madri.

Imagem 05: Foto de Raquel Ilombé



Fonte: <http://www.versovia.com/2014/11/los-rios-hablan-de-raquel-ilonbe.html>. Acesso em: 10.05.2019

Possuidora de grande sensibilidade, Ilombé desenvolveu habilidades em música e literatura, chegou a participar de recitais de poesias, musicais e movimentos culturais em Madri. Mesmo morando fora por muitos anos, boa parte de sua obra é voltada a sua origem e sua identidade, à África; retorna à Guiné Equatorial anos depois, quando já havia constituído família.

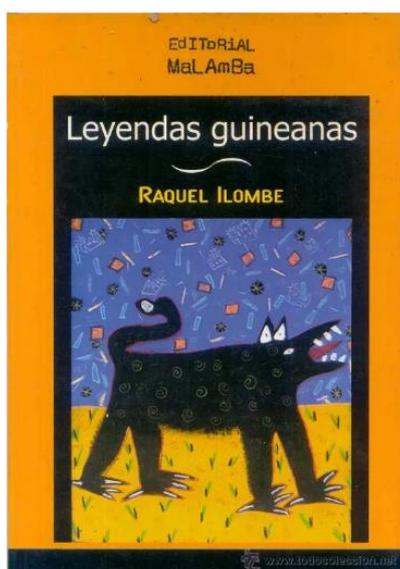
Sua primeira publicação foi em 1978, em Madri, com a coletânea de poesias intitulada *Ceiba*, obra escrita entre 1966 e 1978 em meio a viagens às cidades de Bata¹² e Madri. Em sua lírica, a autora mescla elementos africanos e espanhóis. *Leyendas guineanas*, foco dessa pesquisa, foi publicado quando a autora tinha 42 anos, um marco muito importante para a história literária de Guiné, pois foi o primeiro livro a ser publicado por uma mulher em Guiné Equatorial.

3.2 *Leyendas Guineanas* e o *Corpus* da pesquisa

O livro é uma compilação de oito lendas, contos tradicionais fang, bubi y ndowe. Entende-se aqui que lendas são as conhecidas histórias surreais que passam de geração em geração, na maioria das vezes através da tradição e da oralidade. O volume possui, ainda, um prólogo, uma introdução, sumário dos contos e uma lista de animais que referencia a aparição de um animal em cada conto.

O prólogo de *Leyendas guineanas* foi escrito por Marina López Benito, datado em julho de 2004 de Dakar (Senegal), nele, Benito nos diz que Ilombé não era uma pesquisadora de fato, era filha da literatura e possuía uma mescla cultural entre Espanha e África. Amava os contos selecionados para o livro e a motivação de buscá-los, partia de uma motivação sentimental que acabou contribuindo significativamente para a sociedade, e para a literatura do país, se tornando um patrimônio cultural.

Imagem 06: Foto da capa do livro *Leyendas Guineanas*

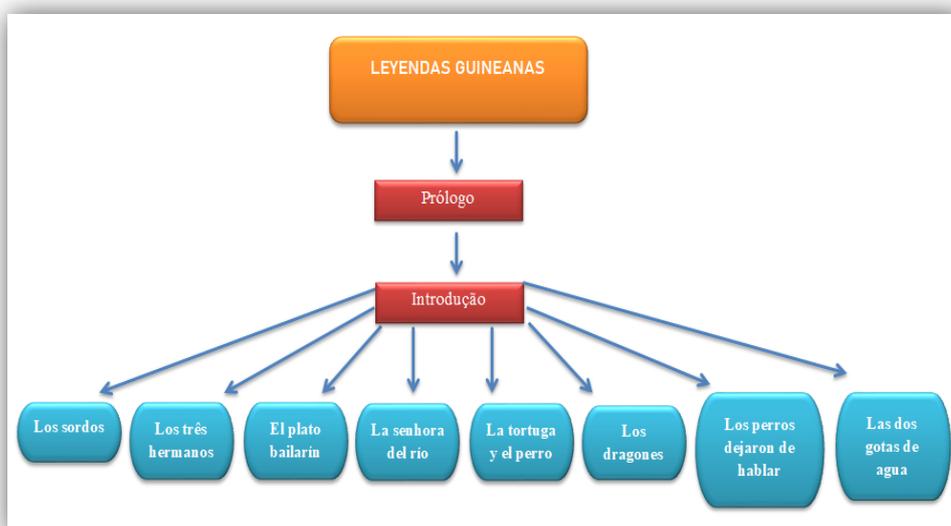


Fonte: Ilombé (1981)

¹²Cidade portuária de Guiné.

Os contos são de origem popular, ficções que ensinam verdades e podem moldar a educação de jovens, crianças e adultos; nos contos temos: bruxas, madrastas malvadas, feiticeiros, animais falantes. Mesmo que “pertença” a outras culturas os temas dos contos em *Leyendas guineanas* são universais, sem barreiras e sem limites: “*Para unos, suerte, pra otros por desgracia, los cuentos no tienen fronteras. Tienen el eco de muchas voces, las alas de lo imaginario, la libertad de la creación.*” (BENITO 2004, p. 13)¹³

Imagem 07: Estrutura do livro



Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador

Para esta pesquisa, escolhemos analisar o conto *La señora del río*, a escolha não se deu de maneira aleatória, a partir dele foi possível delimitar os caminhos dos pontos a serem analisados, a oralidade e a identidade cultural. É importante destacar que a escolha da bibliografia, ou de fontes utilizadas, também, não é dada de maneira casual, ela é direcionada a partir do *corpus*.

3.3 *La señora del río*

A escrita é a continuidade da oralidade (LEITE, 2014, p.14); sendo praticamente impossível falarmos de literatura africana escrita, sem mencionarmos a oralidade, destacamos

¹³Sorte para alguns, para outros nem tanto, os contos não têm fronteiras. Tem o eco de muitas vozes, asas do imaginário, a liberdade da criação. (Tradução nossa)

que uma não é mais ou menos importante que a outra, no entanto, enfatizamos que a escrita é uma extensão importante da oralidade para disseminação e registro da cultura africana oral.

Ainda segundo Leite (2014, p.14), o legado oral consolidado pelos “mestres” africanos os “griots”, levou a criar a ideia de que a literatura escrita é a continuação da oralidade; críticos e criadores concluem essa ligação “[...] como uma procura de traços reveladores da passagem da oralidade como uma escrita.” (LEITE, 2014, p.14).

Leite (2014, p.15), também afirma que existe um discurso crítico acerca da temática da oralidade africana, que é a afirmação de que a escrita não existia antes da proximidade com os europeus, porém, a autora traz a ideia de dois estudiosos que apresentam opiniões contrárias a essa afirmação. O primeiro é Albért Gérard que afirma em seu estudo *African Languages Literatures* (1990, p.58) que desde o século XIII, na região que hoje está localizada a Etiópia se revelava a importância da escrita, como também em outras áreas da África, se destacando a escrita com caracteres em árabe.

O outro, Cheik Anta Diop, em estudos anteriores, em *Nations Nègresel Cultures* (1971, p.24), defende que a escrita e a civilização egípcia foram fortes influenciadores para a cultura africana. A ideia da aceitação de que a literatura africana moderna nasce da influência dos europeus na África, provoca, dentro do estudo crítico, uma dicotomia: a oralidade é africana e a escrita é europeia, de acordo com Leite (2014).

E aquilo que é um fenómeno accidental, passa a ser encarado como um fenómeno essencial. Ou seja a “natureza” cultural africana é oral; são os europeus que vieram perturbar este estado “natural” e adâmico. Um dos pioneiros estudiosos das literaturas africanas, Janheinz Jahn, distingue: “La literatura neo africana recibe, pues, la herencia de una doble tradición: la literatura africana tradicional y la occidental. Una obra que no presente ningún carácter europeo, es decir, que ni siquiera esté escrita, no pertenece a la literatura neoafricana, sino a la tradicional; la frontera entre ambas es fácil de trazar: es la línea que separa literatura oral de literatura escrita.”¹⁴(1971:24) (LEITE, 2014, p.16)

De fato, quando pensamos em cultura africana, automaticamente associamos a característica da oralidade, ela é intrínseca a cultura africana. Não foi por acaso que Raquel Ilombé tentou resgatar em seu livro *Leyendas Guineanas*, contos populares, caracteristicamente africanos. A autora viajou por várias partes do país para pesquisar e escrever contos que expressassem sua raiz, dedicando esses contos a todas as crianças do continente e do mundo. “[...] recorrió todo el territorio nacional según ella, ‘en busca de sus

¹⁴ A literatura neo-africana recebe assim a herança de uma tradição dupla: a literatura africana tradicional e a ocidental. Uma obra que não apresenta nenhum caráter europeu, isto é, que sequer é escrita, não pertence à literatura neo-africana, mas à literatura tradicional; a fronteira entre ambos é fácil de traçar: é a linha que separa a literatura oral da literatura escrita. (Tradução nossa)

raíces. El libro [está] dedicado ‘a todos los niños guineanos y a los de los cinco continentes’ (N’GOM, 2015, p.776).¹⁵

Ainda segundo Leite (2014, p.24), o conto, no contexto da literatura, é e continua sendo considerado o gênero narrativo que possui a “forma mais adequada” e é por excelência africana, diferente do romance que não tem tradição africana e não compõe nenhum elemento significativo dessa cultura.

Embora seja um fato de que ainda hoje as sociedades agrícolas e camponesas africanas, sustentem as tradições orais, como forma de preservação da sua cultura, mais do que qualquer outra estrutura, o conto oral é o universal e comum a todas as culturas, nos afirma Leite (2014, p.25), e é por isso que qualquer cultura se identifica e se apaixona por essas histórias encantadoras.

O conto escolhido como *corpus* desta pesquisa é o conto *La señora del río* que narra à história de uma jovencinha que se chamava Ilombé, que vivia em um povoado cercado de grandes ceibas, mangueiras e hortas férteis de mandioca e malanga. Era órfã de mãe desde o parto, sendo criada por seu pai, um pobre e honesto pescador. Quando a personagem Ilombé cresce, seu pai sem saber como educá-la, resolve se casar com uma viúva que tinha uma filha. Pouco tempo depois do casamento, saiu para pescar em uma pequena embarcação e nunca mais voltou.

Ilombé vivía em um pequeno poblado rodeado de grandes ceibas, de árboles del mango y de fértiles huertos de yuca y malanga. Ilombé nunca había conocido a su madre, pues ésta había muerto cuando ella nació. La niña se había criado con su padre, un honrado y pobre pescador. Cuando Ilombé se hizo mayor, su padre, que no sabía cómo educar a una jovencita, se casó con una viuda que tenía una hija y que vivían en el poblado de al lado. Poco después de la boda, el padre salió a pescar con un cayuco y nunca regresó. (Ilombé, 2004, p 65)¹⁶

Ao lermos o trecho inicial do conto, temos a impressão de que já conhecemos uma história parecida com essa, a tão conhecida jovem que se chamava Cinderela, cuja mãe adoece e morre, deixando seu pai viúvo que casa-se com uma mulher que tinha duas filhas e era bastante má.

¹⁵ [...] percorreu todo o território nacional segundo ela, ‘em busca de suas raízes’. O livro [está] dedicado ‘a todos as crianças guineanos e às pertencentes aos cinco continentes’ (Tradução nossa)

¹⁶O Ilombé vivia em uma pequena cidade cercada de grandes ceiba, mangueiras e férteis pomares de mandioca e malanga. Ilombé nunca conheceu sua mãe, que morreu quando ela nasceu. A menina cresceu com o pai, um pescador honesto e pobre. Quando Ilombé ficou mais velha, seu pai, que não sabia como educar uma jovem, casou-se com uma viúva que tinha uma filha e que morava na cidade vizinha. Logo após o casamento, seu pai saiu para pescar com uma canoa e nunca mais voltou. (Ilombé, 2004, p 65). (Tradução nossa)

Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor: - Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei por ti. E dito isto, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo. (GRIMM, 2013)

A história das protagonistas Ilombé e Cinderela é bem próximas, ambas perdem a mãe muito cedo, seus pais se casam com mulheres viúvas, de má índole, e ambas possuem filhas, a madrasta de Ilombé tinha uma filha e a de Cinderela tinha duas. Há algumas características semelhantes nesses dois contos, porém há algumas diferenças bem interessantes a começar pelas próprias protagonistas.

Nos contos de fadas¹⁷, Cinderela é uma jovem branca de olhos azuis, em *La señora del río* percebemos que a autora Raquel Ilombé apresenta uma protagonista que possui seu próprio nome. Acreditamos que o batismo tem o propósito de afirmar a sua cultura, sua identidade, colocando-se como a “princesa” do conto, princesa negra e africana. Sabemos da facilidade que as crianças têm em se identificar com os “heróis” de contos infantis, é perceptível a atenção com que se dedicam quando escutam ou acompanham uma história. Elas de fato se imaginam no enredo e viajam nas emoções que as narrativas apresentam, acreditamos que foi essa atração que a autora teve a intenção de explorar ao escrever esse conto, oferecendo a oportunidade das crianças africanas e negras se identificarem com a história, que além da questão referente ao nome e as características físicas, ainda apresenta uma série de referências relacionadas aos costumes e tradições da África.

Candido (2002, p. 175), nos diz que a literatura pode funcionar como um instrumento importante relacionado à educação familiar, de grupos ou escolar, uma vez que o texto ficcional apresenta valores que a sociedade preconiza, bem como tem o caráter de se proporcionar a reflexão, promovendo o questionamento e ajudando na formação da personalidade.

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por

¹⁷ A expressão “Contos de fadas” são histórias que têm sua origem na cultura *céltico-bretã*, na qual a fada é um ser fantástico com grande importância. Traz elementos da tradição oral de um tempo distante em que não havia a preocupação com a formação infantil. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>. Acesso em: 06.06.2019.

isso é indispensável tanto à literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, nas não segundo as convenções seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CÂNDIDO, 1995, p. 175).

Assim, através desse conto, que por se só já traz consigo a característica de um ensinamento, de uma reflexão, Ilombé proporciona ao leitor um momento reflexivo ressinificando o famoso conto de fadas, Cinderela, para a realidade africana, proporcionando às crianças guineanas oportunidade de serem reconhecidas e se identificarem com a história.

Como já comentado, Guiné Equatorial foi domínio da coroa espanhola durante anos e de acordo com os estudos de Hall (2014, p. 09), aquele sujeito que é escravizado encontra-se descentrado de si e descentrado de seu lugar social e cultural, devido à situação de submissão a seus colonizadores, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2014) fala da evolução da identidade do sujeito e discute acerca de um possível declínio no que diz respeito a essa identidade, o autor afirma, ainda, que falar sobre identidade é algo complexo, pouco desenvolvido e pouco entendido, porém defende que hoje há vários tipos de identidades e que o indivíduo moderno já não é mais visto como unificado, mas fragmentado, deslocado. (HALL, 2014, p. 08).

De acordo com Hall (2014, p. 09), as sociedades modernas no final do século XX passaram por mudanças estruturais, mudanças estas que estão transformando a identidade das pessoas, provocando reflexões que tínhamos de sujeito integrado. Fragmentando, por exemplo, a consolidação que se tinha em relação à etnia, a raça, ao gênero, a sexualidade, a nacionalidade, etc.

Percebemos que Raquel Ilombé, busca consolidar o espaço identitário da sua raça e da cultura, se inserindo como personagem principal no conto, na busca de conquistar seu espaço, o espaço da sua raiz, por isso faz questão de destacar caracterizada natureza tipicamente africana quando menciona que a personagem Ilombé vivia em um bosque cercado de Ceibas, mangueiras, e terras férteis de plantação de mandioca e malanga.

Sabemos que a Ceiba é uma árvore muito comum na África e, segundo Queiroz (2018), é símbolo também de Guiné Equatorial. É uma referência muito importante para escritores africanos, em especial, a guinéu-equatoriana autora do conto que estamos trabalhando.

“[...] evocou textualmente em seu primeiro livro de poesias a árvore sob cuja sombra as antigas sociedades bantas se reuniam para o compartilhamento dos saberes tradicionais. Associado à publicação do primeiro livro infantil de narrativas curtas (*Leyendas Guineanas*, 1980), bem como da supracitada primeira antologia individual de poemas autorais femininos da Guiné Equatorial (*Ceiba*, 1978)”. (QUEIROZ, 2018)

A língua é nossa identidade, nossa personalidade, neste caso estamos nos referindo à língua escrita, Mey (2002, p. 76), nos diz que a língua não é apenas a expressão da alma, do íntimo do indivíduo, é a maneira pela qual a sociedade se expressa e é através da língua espanhola que Raquel Ilombé mostrar a importância da sua cultura, para desmistificar o racismo e minimizar a exclusão da sociedade guineana.

Ainda segundo Mey (2002, p. 85) “o racismo é uma ideologia destinada a manter os oprimidos subjugados; e, nesse jogo, ‘o roto explora o mal vestido’: o racismo é perpetuado por todas as classes de uma sociedade que se organiza de acordo com os princípios de mercado, ou seja, o da obtenção de lucro.” O mercado vende histórias de protagonistas brancas e olhos claros, porém os contos de Ilombé apresentam princesas negras, desmistificando e combatendo essa ideia do racismo.

Outra característica encontrada no conto é a presença de elementos sobrenaturais, particularidade das narrativas orais; é típico encontrarmos personagens que possuem poderes. Vejamos o trecho a seguir:

Un día que Ilombé se encontraba en el bosque recogiendo leña para el fuego de la cabaña, se encontró de repente con una intensa luz que venía del río. La luz se hizo cada vez más fuerte y vio aparecer ante ella una mujer muy bella, que le dijo con dulzura:

_ Ilombé, sé que trabajas mucho y estás cansada, y dando con su mano en el “nkué” lo llenó de leña.

_ Anda, vete a descansar y lleva la leña a tu madrastra, pero no digas nada de lo que has visto. Ilombé volvió a la cabaña sin darse cuenta de que su frente lucía una gran estrella. Al verla la madrastra le dijo:

_ ¿Qué es lo que tienes en la frente? Se acercó a ella queriendo arrancarle la estrella y viendo que no podía, la madre y la hija taparon a Ilombé la frente con una hoja para que nadie se fijara en ella.

_ Ahora nos contarás por qué tienes esa estrella.

Ilombé no contestó obedeciendo a la señora del río. (ILOMBÉ, 1981, p. 66)¹⁸

¹⁸ Um dia, quando Ilombé estava na floresta recolhendo lenha para o fogo da cabana, de repente se encontrou uma luz intensa vindo do rio. A luz ficou mais forte e viu uma mulher muito bonita aparecer diante dela, que lhe disse docemente:

_ Ilombé, eu sei que você trabalha muito e está cansada, e colocando a mão no "nkué" o encheu de lenha.

_ Vá descansar e leve a lenha para sua madrastra, mas não diga nada do que viu. Ilombé retornou à cabana sem perceber que sua testa ostentava uma grande estrela. Quando sua madrastra percebeu lhe disse:

_ O que você tem na testa? Aproximou-se dela querendo arrancar-lhe a estrela e vendo que ele não podia, a mãe e a filha cobriram a testa de Ilombé com uma folha para que ninguém a notasse.

_ Agora você vai nos dizer por que você tem essa estrela.

Ilombé não respondeu obedecendo à senhora do rio (ILOMBÉ, 1981, p.66).

Como podemos observar, temos aqui a presença de uma figura sobrenatural, dotada de poderes mágicos, A senhora do rio aparece para personagem Ilombé, a senhora parece já conhecer a história de vida de Ilombé, pois afirma que a garota tem trabalhado demais e está muito cansada e veio ao seu auxílio para ajudá-la, poupando-a de buscar lenha no bosque, enchendo em um passe de mágica ela o cesto de Ilombé. Além disso, a senhora do rio, marca a jovem com uma estrela na testa, que de acordo com o nosso conhecimento de mundo, baseado em expressões populares, uma pessoa que tem uma estrela na testa é considerada uma pessoa de bastante sorte e significa um sinal de que tudo dará certo.

Neste trecho percebemos ainda, uma expressão metafórica, como a personagem Ilombé era uma pessoa de boa índole e possuía um brilho próprio, sua madrasta e a filha dela estavam sempre incomodadas com a garota, despertando a inveja, por tanto, preferiram tapar sua testa com uma folha para que a estrela não pudesse ser vista por ninguém.

A senhora do rio reaparece em outro momento do conto, com o intuito de ajudar mais uma vez a jovem Ilombé, ela estava triste porque o Rei daria uma festa para encontrar uma mulher para seu filho e ela não iria, foi proibida por sua madrasta e teria de ficar trabalhando. Ao chegar ao rio à estrela de sua testa se ilumina com tamanha força e de repetente lhe aparece à mesma senhora do rio.

[...] vio con asombro que aparecía la señora que le había ayudado el día anterior a llenar su “enkué” de leña. Ella levantó su brazo formando un camino plateado en el río por donde fue andando hasta llegar a Ilombé.

_ Dime niña qué te pasa, ¿por qué estás tan triste?

_ Me encuentro muy sola, señora, mi madrastra y su hija se han marchado dejándome sola, no han querido llevarme al “balele” que da el rey para elegir esposa para su hijo.

_ Y ¿por qué no vas tú sola?

_ Me regañarían si a su vuelta vieran que no tienen todas las cosas preparadas. Además, cómo iba a ir se no sé dónde está el poblado grande del rey.

La señora miró con ternura y le dijo:

_ Bien Ilombé, irás a ese “balele”.

Extendió sus brazos y aparecieron dos hermosos antílopes que remolcaban una gran concha de carey.

_ Estos antílopes te llevarán a la gran fiesta del rey.

_ Señora cómo voy a ir así sucia y sin las cosas apropiadas para el “balele”.

_ Si es verdad, se me olvidaba. La señora puso las manos sobre los hombros de Ilombé, dejándola más bella que nunca.

_ Anda, súbete en la concha, que los antílopes te lleven casi volando. Ilombé se montó en la concha y los antílopes iniciaron su marcha hasta el poblado del rey. (Ilombé, 1981, p. 69)¹⁹

¹⁹[...] viu com espanto que apareceu a senhora que tinha lhe ajudado no dia anterior enchendo seu "enkué" de lenha. Ela levantou o braço formando um caminho prateado no rio por onde caminhava até chegar a Ilombé.
_ Diga-me pequena, o que há de errado com você, por que estás tão triste?

Com um toque nos ombros da garota, assim como uma fada madrinha do conto de Cinderela, a senhora do rio transforma o momento triste de Ilombé em pura felicidade com seu poder mágico. E no intuito de reafirmar a identidade africana, a autora traz em seu texto aspectos caracteristicamente africanos, mencionando os antílopes, mamíferos de médio porte encontrados na África, referenciando a natureza, os povoados, descrevendo com grande destaque o rio, os bosques e as comidas como a mandioca e malanga.²⁰

O gênero textual conto, tem como uma de suas características a questão do ensinamento, da moral da história, que geralmente aparece no final com o intuito de deixar uma mensagem para o leitor. Ilombé, protagonista do conto, não tinha uma boa relação com sua madrastra e a filha dela, foi humilhada, presa e obrigada a trabalhar para elas, porém ao final Ilombé casa-se com o filho do rei e muda de vida, a protagonista não quis vigiar-se delas, pelo contrário, demonstra compaixão e não guarda rancor com aquelas que haviam a maltratado durante anos.

Se dió la noticia por todos los poblados que hijo del rey se uniría a muchacha más bella la de la estrella en la frente. Al oír esto, Nguanga y su madre enfermaron de rabia llenándoseles los labios y la boca de granos. La bondad de Ilombé era tan grande que pidió a su futuro esposo que su madrastra y su hermanastra Nguanga vivieran en el poblado grande en una choza cerca de ellos donde no les faltara de nada. El hijo del rey aceptó la petición mandándolas llamar. (ILOMBÉ, 1981, p. 73)²¹

Ilombé pede a seu futuro marido para trazer sua madrastra e Nguanga para morar em uma cabana no povoado grande, perto de onde ela viveria para que tivesse a certeza que não iria faltar nada para elas.

Diante das reflexões pautadas nos aspectos das tradições orais, com reflexos na escrita, podemos destacar os fortes traços da identidade cultural africana através da influência das

_ Eu me sinto muito sozinha, senhora, minha madrastra e sua filha foram embora me deixando sozinha, não quiseram me levar para ao "balele" que o rei dará para escolher uma esposa para seu filho.

_ E por que você não vai sozinha?

_ Elas me repreenderiam se percebessem que não tinham tudo preparado. Além disso, como eu iria se não sei onde fica o grande povoado do rei.

A senhora olhou com ternura e disse:

_ Bem Ilombé, você irá a esse "balele".

Estendeu seus braços e apareceram dois belos antílopes que estavam rebocando uma grande concha de casco de tartaruga.

Estes antílopes vão levá-lo a grande festa do rei.

_ Senhora, como irei assim, suja e sem as coisas apropriadas para o "balele"? _ Sim é verdade, eu esqueci. A senhora colocou as mãos nos ombros de Ilombé, deixando-a mais bonita do que nunca.

_ Vá em frente, pegue a concha que os antílopes vão te levar quase voando. Ilombé montou na concha e os antílopes iniciaram sua corrida até a cidade do rei. (Ilombé, 1981, p. 69)

²⁰Malanga: Nome popular de uma planta da família das aracáceas. Um tipo de raiz. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/malanga/13653/>. Acesso em: 06.06.2019.

²¹A notícia foi dada por todas as aldeias que o filho do rei se uniria a garota mais bonita da estrela na testa. Ao ouvir isso, Nguanga e sua mãe ficaram doentes com feridas na boca e lábios de espinhas. A bondade de Ilombé foi tão grande que ela perguntou a seu futuro marido que sua madrastra e sua meia-irmã Nguanga poderiam morar na grande cidade em uma cabana perto deles, onde não lhes faltaria nada. O filho do rei aceitou o pedido mandando chamá-las. (ILOMBÉ, 1981, p. 73)

línguas e da cultura nativa na língua espanhola. Assim, durante o conto a autora utilizada várias vezes as palavras “nkué” e “enkué” (ambas significam “cesta”), de maneira proposital, com a intenção de enaltecer a cultura africana, mantendo aspectos linguísticos e culturais, por isso não traduziu a palavra para a língua espanhola, porém não se tratava de uma cesta comum, era um “enkué”, objeto tipicamente africano.

Outra palavra que a autora utiliza é “balele”²², que significa uma dança executada pelos nativos de algumas cidades africanas ao som de tambores primitivos, do mesmo modo Ilombé, intencionalmente faz questão de manter a palavra original em vez de traduzi-la para “baile”. Essa escolha também se dá pelo mesmo critério já mencionado, “balele” é diferente de “baile”, “Balele” é uma dança caracteristicamente africana, com uso de tambores e passos africanos, geralmente em “bailes” o estilo de dança é uma valsa, daí a intenção de preservá-la, pois se a traduzisse mudaria todo o sentido da história.

²²Fonte: <https://educalingo.com/pt/dic-es/balele>. Acesso em: 06.06.2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como objetivo analisar o conto *La señora del rio* presente no livro *Leyendas Guineanas* (1981) da autora Raquel Ilombé, identificando e refletindo os fortes traços de uma marcante identidade cultural negra e a contribuição da literatura infanto-juvenil de Guiné Equatorial para as letras hispânicas, buscamos contribuir na formação de estudantes e futuros professores de língua espanhola, tendo em vista a importância do conhecimento literário e da cultura africana na composição das letras hispânicas.

Procuramos ampliar os olhares dos leitores às literaturas hispano-negro-africanas através da análise de aspectos pontuais do conto *La señora del rio* e da apresentação biográfica da escritora Raquel Ilombé; o texto literário permitiu a realização de um levantamento de possíveis perspectivas que nos levam a delinear a complexidade do comportamento humano, tendo como pontos norteadores aspectos da oralidade e da identidade cultural, nos permitindo realizar uma ponte reflexiva sobre o contexto político-social de Guiné Equatorial, um país que foi por décadas colônia espanhola.

A concretização desta pesquisa só foi possível, também pela abordagem bibliográfica, haja vista que toda a teoria partiu de estudiosos afins a área desta pesquisa, é importante ressaltar que no decorrer deste estudo encontramos dificuldades no que diz respeito a encontrar estudos que nos embasasse para teorizar acerca das literaturas hispano-africanas, por sorte conseguimos o contato com um estudioso brasileiro dessa área, o professor Dr. Amarino Queiroz, que nos repassou todo suporte teórico para realização desta pesquisa.

O presente estudo tem como uma das ideias centrais a certeza de que a literatura é capaz de contribuir significativamente com o aprendizado de uma língua estrangeira, pois ela instiga, inspira e amplia conhecimentos, além de proporcionar o aprendizado de uma cultura que não é a sua. O texto literário pode nos levar a realização de leituras reflexivas, fazendo com que o leitor se esforce para decodificar o que não está explícito, ou seja, o que está nas entrelinhas, este exercício proporciona o desenvolvimento do senso crítico, tornando-o um cidadão participativo na vida em sociedade.

Nossa pesquisa também busca contribuir com o cumprimento da Lei de Nº 11.645 de 10 de março de 2008 que se refere à obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em escolas públicas e privadas. Acreditamos, diante de toda a reflexão aqui descrita, que conseguimos alcançar os objetivos propostos ratificando a importância de

trabalhar literatura de um país africano em sala de aula, levantando reflexões sobre a cultura do outro ensinando a respeitar e vivenciar a diversificação cultural.

Por fim, acreditamos este estudo contribuiu para a área de língua espanhola, bem como para a área de literatura de língua espanhola, partindo do pressuposto de que as literaturas hispanoafricanas fazem parte das literaturas espanholas. Dada à relevância do tema aqui proposto, consideramos que ainda há muito a percorrer no âmbito investigativo, haja vista que esta é uma área ainda em desenvolvimento no Brasil, apresentando poucos estudos e sendo um caminho promissor de trabalho para outros investigadores, assim, esperamos que a partir da leitura desta investigação outros profissionais sintam-se motivados a dar continuidade a esse estudo melhorando cada dia mais o ensino de língua espanhola no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLEKÁ, Justio Bolekia. Rasgos esenciales de lapoesiaquineoequatoriana. *Palabras*, Madrid, v. 01, p. 43-60, 2009.;
- BOSI, Alfredo. Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2003;
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Editora contexto, 2013;
- BRASIL. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília. MEC Ministério da Educação. 2008;
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *textos de intervenção*. 34 ed. São Paulo: Duas cidades, 2002;
- _____. O direito à literatura. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995;
- COMPAGNON, A. O leitor. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2010;
- CREUS, Jacint. Oralidad y literatura en Guiné Equatorial. *Palabras*, Madrid, v. 01, p. 61-72, 2009;
- DAHER, Del Carmem; SANT'ANNA, Vera L.A. Formação e exercício profissional de professor de língua espanhola: revendo conceitos e percursos. In: *Coleção explorando o ensino*. Brasília, v. 16, p. 55-68, 2010.;
- ESTEVES, M. M. Promover a racionalidade crítica na intervenção curricular dos professores. In: *VI Colóquio luso-brasileiro sobre questões curriculares*, 2012;
- GRIMM, Irmãos – Gata Borracheira. In *Contos Completos – 1ª Ed. – Círculo de Leitores e Temas e Debates*, 2013. ISBN: 9789896442491;
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Sob a direção de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2014;
- HYMES, D. H. Acerca de la competencia comunicativa. *Competencia comunicativa: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madri: Edelsa, 1995;
- ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. Vol.1. São Paulo: 34 Editora, 1996;
- _____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979;
- MACIEL, Alexandra Sin; FERNÁNDEZ, Gretel Eres. La oralidad en proceso de enseñanza y aprendizaje del español como lengua extranjera: algunas reflexiones. *Linguagem & Ensino*,

v.10, n.2,415-433, jul./dez.2007;

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia científica. São Paulo: editora Atlas S.A, 2010;

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial)*; CyE, Año I, Nº 2. Primer Semestre, 2009. p. 251 – 272;

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008; p. 11-67;

NDONGO-BIDYOGO, Donato. Hispanidad en África, 2000, Año III, época II, n. ° 6, 1986;

NGOM, Mbaré. *La literatura africana de expresión castellana: La creación literaria en Guinea Ecuatorial*. Revista Hispania, v. 76, n. 3, p. 410-418, set. 1993;

N'GON, M'bare. “Sobre la historiografía literaria hispanoaficana”. In: AULLON DE HARO, Pedro (ed.). Historiografía y Teoría de la Historia del Pensamiento, la Literatura y el Arte. Madrid: Dykinson, 2015.

PINHEIRO, José Helder. *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2011;

PINHEIRO-MARIZ, J. O texto literário em aula de francês de língua estrangeira (FLE). 2007. 284 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Francesa. Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo;

_____. Sobre a relação entre língua e literatura na formação de professores de FLE. Em um contexto brasileiro. In: MILREU, Isis; RODRIGUES, Márcia C. (Org.). Ensino de Língua e Literatura: Políticas, Práticas e Projetos. Campina Grande: Bagagem, 2012. P. 167 – 190;

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. As escrituras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. 2007. 310 folhas: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco;

_____. Otras literaturas hispánicas: las letras negroafricanas de Guinea Ecuatorial. In: I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas / V Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2008;

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010) *Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG, Belo Horizonte;

TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014;

TRUJILLO, José Ramón. *Historia y crítica de la literatura hispano africana*. Universidad Autónoma de Madrid, Casa da África, Sial ediciones. Madrid: 2012.

APÊNDICE A – CONTO: *LA SEÑORA DEL RÍO*

LA SEÑORA DEL RIO



Ilombé vivía en un pequeño poblado rodeado de grandes ceibas, de árboles del mango y de fértiles huertos de yuca y malanga. Ilombé nunca había conocido a su madre, pues ésta había muerto cuando ella nació. La niña se había criado con su padre, un honrado y pobre pescador.

Cuando Ilombé se hizo mayor, su padre, que no sabía cómo educar a una jovencita, se casó con una viuda que tenía una hija y que vivían en el poblado de al lado. Poco después de la boda, el padre salió a pescar con su cayuco y nunca regresó.

La madrastra de Ilombé que, mientras vivía el padre había disimulado la envidia y el odio que le producían la belleza y la bondad de Ilombé, comenzó a tratarla mal y a encargarle todos los trabajos duros y pesados. También su hermanastra, que era fea y mezquina, trataba mal a Ilombé, la insultaba y la trataba como a una sirvienta.

Un día que Ilombé se encontraba en el bosque recogiendo leña para el fuego de la cabaña, se encontró de repente con una intensa

luz que venía del río. La luz se hizo cada vez más fuerte y vió aparecer ante ella una mujer muy bella, que le dijo con dulzura:

- Ilombé, sé que trabajas mucho y estás muy cansada, y dando con su mano en el "nkué" lo llenó de leña.

- Anda, vete a descansar y lleva la leña a tu madrastra, pero no digas nada de lo que has visto. Ilombé volvió a la cabaña sin darse cuenta de que su frente lucía una gran estrella. Al verla la madrastra le dijo:

- ¿Qué es lo que tienes en la frente? Se acercó a ella queriendo arrancarle la estrella y viendo que no podía, la madre y la hija taparon a Ilombé la frente con una hoja para que nadie se fijara en ella.

- Ahora nos contarás por qué tienes esa estrella.

Ilombé no contestó obedeciendo a la señora del río. Ilombé fue castigada por la madrastra, encerrándola en una cabaña, sin que pudiera tener contacto con ella persona alguna. Pasaron unos días y la madrastra sacó a Ilombé de la cabaña mandándola al bosque a buscar yuca y ñame. Cuando se dirigía al bosque, vio Ilombé a la gente del poblado que iba y venía con prisa preparando arcos de palmeras y limpiando las chozas. Ilombé preguntó a uno de los muchachos:

- ¿Qué pasa, por que andáis tan atareados?

- Esta noche esperamos a unos guardianes del rey que vienen para anunciarnos algo. Dicen que van por todos los poblados. A nosotros nos mandaron hacer estos arcos.

Al volver del bosque no encontró a su madrastra y a su hermanastra y Nguanga se quedó en la choza preparando la comida para cuando ellas llegaran y limpiándola de arriba abajo. Al cabo unas horas llegaron madre e hija muy nerviosas y Nguanga le dijo a Ilombé:

- Te quedarás en la choza sola durante unos días, no dejes de ir al bosque para traer leña y comida para cuando nosotras volvamos. Nos vamos al poblado grande, donde el rey de las tribus dará un "balele", habrá comida y bebida, pues quiere elegir mujer para su hijo primogénito. Lo han anunciado por todos los poblados, pero no irás, te quedarás aquí trabajando. Nganga se acercó a Ilombé dándole un empujón. Las dos se fueron muy contentas a la gran fiesta, mientras la pobre Ilombé se quedó triste, Ilombé se fue al bosque. Después de cortar leña y meterla en el "nkué", lo cargó sobre hombros y se fue hasta el río, quitó el "nkué" de sus hombros y lo apoyó en el tronco de un árbol, sentándose a la orilla del río. El agua estaba transparente y las piedras limpias

y brillantes, de repente la hoja que llevaba en la frente se le cayó al río, esta fue absorbida por uno de los remolinos. La estrella que llevaba Ilombé en la frente iluminó con gran fuerza el río; por el mismo remolino donde había desaparecido la hoja, vio con asombro que aparecía la señora que le había ayudado el día anterior a llenar su "enkué" de leña. Ella levantó su brazo formando un camino plateado en el río por donde fue andando hasta llegar a Ilombé.

- Dime niña qué te pasa, ¿por qué estás tan triste?

- Me encuentro muy sola, señora, mi madrastra y su hija se han marchado dejándome sola, no han querido llevarme al "balele" que da el rey para elegir esposa para su hijo.

- Y ¿por qué no vas tú sola?

- Me regañarían si a su vuelta vieran que no tienen todas las cosas preparadas. Además, cómo iba a ir si no se dónde está el poblado grande del rey.

La señora la miró con ternura y le dijo:

- Bien Ilombé, irás a ese "balele".

Extendió sus brazos y aparecieron dos hermosos antílopes que remolcaban una gran concha de carey.

- Estos antílopes te llevarán a la gran fiesta del rey.

- Señora cómo voy a ir así sucia y sin las cosas apropiadas para el "balele". - Si, es verdad, se me olvidaba. La señora puso las manos sobre los hombros de Ilombé, dejándola más bella que nunca.

- Anda, súbete en la concha, que los antílopes te llevarán casi volando. Ilombé se montó en la concha y los antílopes iniciaron su marcha hasta el poblado del rey.

En el poblado la fiesta ya había comenzado. El rey y su hijo observaban a las muchachas casaderas que estaban frente a ellos, para que el hijo del rey eligiera una de ellas para hacerla su mujer. Cuando todo estaba animado, las gentes se quedaron asombradas al ver una luz potente que venía del río, después vieron aparecer a los dos antílopes remolcando la enorme concha con Ilombé sentada. Se pararon los antílopes donde estaba toda la gente. Ilombé bajó de la concha radiante de belleza, quedándose todo el mundo admirado. El hijo del rey salió al encuentro de Ilombé y cogiéndola de la mano dijo:

- Qué hermosa sois.

Después miró su frente y vio la estrella que daba grandes saltos.

- ¡Dios mío! sois la misma que he visto en mis sueños durante tantos años, lleváis la misma estrella. Venid conmigo, quiero presentaros a mi padre.

En aquel momento saltaron los antílopes arrebatando a Ilombé.

El hijo del rey quedó desolado por la rápida desaparición de la muchacha. Fue tal su desilusión que no consintió que siguieran las fiestas. La madrastra y su hija volvieron a su cabaña contando lo bien que lo habían pasado. Ilombé preguntó si el hijo del rey había escogido ya esposa.

- A ti qué te importa, si no tú no vas a ser la elegida.

Ilombé se asustó al pensar que la hoja que tenía en la frente tapando la estrella se la había llevado el remolino del río, al tocarse la frente la estrella estaba tapada otra vez con la hoja. Los días pasaron y en el poblado grande, el hijo del rey se encontraba triste sin saber dónde se encontraba la bella muchacha de la estrella en la frente. El padre al ver que su hijo cada día estaba peor le dijo:

- Consiento hijo en que marches en busca de esa muchacha. Irás con dos guardianes que llevarán las provisiones necesarias. Cuando la encontréis venid con ella y os prometo que será vuestra esposa.

- Gracias padre, así lo haré.

El hijo del rey con sus dos guardianes recorrieron todos los poblados de la comarca, entrando en todas las cabañas, viendo si todas

las chicas casaderas llevaban una estrella en la frente. Al llegar a la cabaña de Ilombé, salió la hijastra muy contenta y coqueta pretendiendo que quizás el príncipe la eligiera.

- No, esta tampoco es, no tiene la estrella en la frente.

Al marcharse el hijo del rey, Nguanga se dio cuenta lo mismo que su madre que Ilombé sí tenía la estrella en la frente. Montando en cólera, las dos pensaron que si la encontraba el hijo del rey se casaría con ella y estarían ellas a su servicio. Se les ocurrió la idea de ir hasta el bosque para ver si la encontraban y encerrarla en la choza para que no la viera nadie, pero en ese momento vieron con sorpresa y terror que una gran boa se encontraba en la puerta de la choza, y con miedo espantoso no se atrevieron a moverse.

Estaba anocheciendo cuando Ilombé terminó de cortar la leña, después se acercó al río como siempre y vio a un muchacho contemplando el agua, ella se sentó en la orilla apoyando sus codos en las piernas y descansando su barbilla en los puños, y dio un suspiro. El hijo del rey que la oyó se acercó a ella.

- ¿Qué os pasa que estáis tan triste, por que suspiráis?

- Soy muy desgraciada- le contestó, con la mirada fija en el río.

- Decidme que os sucede, por si yo puedo aliviar vuestra pena.

- Nunca volveré a ver al hombre de mis sueños, soy demasiado insignificante para que el hijo del rey piense en mí un solo momento.

Al decir esto se volvió hacia el muchacho. El se quedó sin poder decir nada de la alegría que tenía. Estaba ante sus ojos la muchacha de la estrella en la frente, ella no sabía qué decir al ver que aquel muchacho era hijo del rey.

- Ya no volverás a separarte de mi lado, seremos felices viendo como crecen nuestros hijos y te haré todo lo feliz que pueda.

En aquel momento se presentó ante los dos la bella señora de las aguas, diciéndoles:

- Id pronto al lado de tu padre.

Y poniendo las manos sobre el agua del río aparecieron dos grandes cayucos, uno de ellos lleno de regalos y presentes para el rey. En el otro montaron ellos dos, tirando de los cayucos unos cisnes salvajes bellísimos.

Se dio la noticia por todos los poblados que el hijo del rey se uniría a la muchacha mas bella, la de la estrella en la frente. Al oír esto, Nguanga y su madre enfermaron de rabia llenándoseles los labios y la boca de granos. La bondad de Ilombé era tan grande que pidió a su futuro esposo que su madrastra y su herma-

nastra Nguanga vivieran en el poblado grande en una choza cerca de ellos donde no les faltara de nada. El hijo del rey aceptó la petición mandándolas llamar. Se celebraron las fiestas que duraron tres días y tres noches. El hijo del rey e Ilombé fueron felices por el resto de sus días.